ANO 9.° — Sexta-feira, 4 de Agosto de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 433

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção 'e Administração, Rua Direita, n.º 54

Ministro da Marinha

Deu-nos S. Ex.ª a honra da sua visita, demorando-se nesta cidade, de 28 a 30 do mez de Julho findo.

E' o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho um estadista dos mais ilustres do nosso país, trazendo dos bancos da escola a consagração duma superior inteligencia ao serviço de excepcionaes faculdades de trabalho e caracter, confirmadas por uma brilhante carreira na marinha e pela notabilissima acção politica que o elevou até á presidencia de um ministério aonde a sua energia de dirigente aliada a sentimentos sincéramente democraticos e aos primores dum caracter de *élite* marcaram um notavel periodo na publica administração.

A visita do sr. Avevedo Coutinho não se subordinou ao esteril protocolo que regía as visitas ministeriaes dos tempos passados; o ilustre Ministro, veio *para vêr e estudar* os interesses desta opulenta região e a esse objectivo consagrou todo o tempo de que podia dispôr, assim roubado, em nosso favor, ao estudo e resolução dos problemas que a gravidade do atual momento impõe á responsabilidade do seu alto cargo. Por isso aqui lhe confessamos, nós, velhos democratas, uma entusiastica gratidão.

* * *

Desembarcou S. Ex.ª, do comboio rapido, ás 13 horas do dia 28; ás 15 visitava a Capitanía do porto, seguindo logo em automoveis, com a sua comitiva, para o Forte da Barra, aonde examinou, detidamente, o novo Posto de Socorros a Naufragos, a estação de pilotos e o Posto de Fiscalisação de Pesca, inteirando-se, minuciosamente, das atuaes condições da Barra com as modificações por que tem passado e dos planos de melhoramentos projectados.

Visitou, ainda, o Farol, seguindo de ali para a Costa Nova aonde o esperava uma lancha automovel da Capitanía que o transportou á Vagueira, local que constituia um dos objectivos mais interessantes da sua visita a Aveiro.

Queria S. Ex.ª obter um conhecimento directo das dificuldades amontoadas pelo tempo e pela falta de recursos naquele ponto da ria, estrangulado e intransitavel e da inadiavel necessidade de restabelecer a comunicação rompendo o canal e fixando as areias marginaes.

No dia 29, visitou a Fabrica de Porcelana da Vista-Alegre, visita minuciosa e interessada, de que resultou para S. Ex.ª e para a sua ilustre comitiva a melhor impressão traduzida nas palavras de louvor com que distinguiu os operarios e os seus dirigentes.

Regressou a Aveiro pela estrada da Gafanha. Por aqui se deteve a examinar o movimento e avanço das areias interiores sobre os terrenos de cultura, reconhecendo a necessidade dos trabalhos de arborisação mesmo para as dunas interiores.

Chegado á cidade, embarcou imediatamente em outra lancha automovel que o conduziu a S. Jacinto, Moranzel, Mata e Torreira, apreciando a vastidão do Estuario e a riqueza dos enormes latifundios que constituem a propriedade alagada, que abrange o leito e as margens da ria, convencendo-se da inadiavel urgencia em proceder á delimitação entre o dominio público e o particular.

Na sua demorada e produtiva digressão, o sr. Azevedo Coutinho, cuja competencia tecnica é indiscutivel, extranhou os limitados esforços desde largos anos produzidos pelo Estado em favor da arborisação e fixação das dunas maritimas, trabalhos de que depende a conservação da bacia hidrografica e, consequentemente, a valorisação dessa opulenta riqueza que constitue um poderoso factor da economia regional.

Depois de um delicado *lunch* oferecido pelo abastado capitalista e emprezario das pescas maritimas, sr. José Maria Dias Pereira, que, com sua ex.ma esposa, foram de uma captivante amabilidade para com os nossos distintos hospedes, seguiu o sr. ministro para a Murtoza, vêr a imponente obra do Esteiro do Bico, já concluida. Para ela teve palavras de louvor pela rapidez e economia com que foi executado esse trabalho que representa um melhoramento tão importante quanto merecido pelo laborioso povo da Murtoza.

De ali partiu a visitar o posto de fiscalisação do *Chegado* cuja situação pitoresca e adequada, o encantou.

Regressando por Moranzel e S. Jacinto, desembarcou em Aveiro ás 21 horas depois de um dia completo de observação e estudo.

* * *

O sr. Azevedo Coutinho veiu de Lisboa acompanhado pelo almirante, Major General da Armada, sr. Alvaro da Costa Ferreira, ilustre chefe da nossa marinha de guerra, cujo nome traz a tradicção dum grande administrador colonial aliada á reputação de oficial brilhante e ilustradissimo; pelo seu chefe de gabinête, capitão de fragata Manuel Corrêa, oficial distinctissimo e dedicado cooperador nos seus arduos trabalhos; pelos ajudantes de S. Ex.as e ainda por seus dois filhos, estudantes laureados do Colegio Militar aonde continuam as tradicções de aplicação e estudo do seu ilustre progenitor.

Durante a sua permanencia nesta cidade e digressões, foi o ministro acompanhado, sempre, pelo chefe do distrito, dr. Samuel Maia e pelo capitão do porto, capitão de fragata, sr. Jaime Afreixo.

As impressões colhidas pelo sr. Azevedo Coutinho e pela sua comitiva pelo que respeita á ria e aos serviços públicos dependentes do seu ministério, foram muito agradaveis.

Não lhes passou despercebido o colossal esforço realizado para conseguir, com limitadissimos recursos, uma obra grandiosa de administração e fomento, a disciplina dos seus subordinados e o porte correcto e atraente dos nossos marinheiros, aqui em serviço. E, na realidade, póde S. Ex.ª orgulhar-se da exemplarissima organisação que apreciou pelo porte e proceder do pessoal civil e militar em que existe a mais absoluta harmonia na dedicação pelo serviço a par da maior e mais respeitosa subordinação.

Sabemos que o sr. Azevedo Coutinho retirou de Aveiro animado pelo maior desejo de envidar todos os esforços, tanto pelo seu ministério como pela sua intercessão junto do ministério do Fomento, para que sejam atendidas com a brevidade e os recursos compativeis com o estado de guerra em que se encontra o país, as necessidades mais urgentes solicitadas pelos interesses maritimos regionaes.

Supômos não errar, afirmando que das notas que S. Ex.ª levou de Aveiro constam melhoramentos de grande alcance, como sejam: a abertura da passagem da Vagueira; a rêde telefonica no litoral e obras de administração como a delimitação da propriedade alagada.

Oxalá com brevidade se cheguem a efectuar e assim ligará S. Ex.ª á valorisação e prosperidade de Aveiro e da sua ria o seu nome considerado, ilustre e respeitado.

Cada vez mais apertada a censura, muito principalmente para as referencias que se hajam de fazer na imprensa aos exercicios e vida de Tancos, resolvemos não continuar o relato das impressões colhidas na visita á *cidade de Paulona*, **pois o simples córte de algumas linhas seria o suficiente para inutilisar todo o trabalho, e com isso não concordâmos nós.**

No fim desse relato tencionávamos encaixar uma breve resenha da parada militar, como complemento da obra patriotica do sr. ministro da guerra, o que egualmente fica prejudicado, pedindo de tudo desculpa aos nossos estimaveis leitores e amigos.

Films . . .

A bôas horas

Dimanada do ministério da guerra, acaba de dar entrada nas diferentes repartições militares, a seguinte circular:

> Tendo chegado ao conhecimento de s. ex.ª o ministro da guerra, que ha cidadãos com tão pouca compreensão dos seus deveres civicos que se atrevem a pedir aos membros das juntas de recrutamento a isenção de mancebos da *obrigação de prestarem o serviço militar*, dando-os por incapazes e inaptos quando realmente o não são, encarrega-me o mesmo ex.mo sr. de dizer a v. ex.ª que nenhum membro da junta de recrutamento, de recurso, revisão ou outras deve receber tais pedidos ou recomendações, cumprindo avisar as pessoas que os fizerem que terão, se tais pedidos se repetirem, e em vista de recomendação expressa da secretaria da guerra, de participar o facto ao delegado do ministerio publico para os efeitos da lei penal em vigor.

Ora aqui está uma medida digna do nosso aplauso se não viesse tarde. Do nosso e de toda a gente limpa, que anceia por uma Republica assente em bases moraes, muito embora se tenham de desmascarar os que, á sombra dela, cometem toda a casta de indignidades, a começar pelo trafico das isenções.

Registe-se

O sr. dr. Peixinho, que, além de advogado, é um patriota ás direitas, declarou na segunda-feira quando depunha em processo no tribunal desta comarca, que ainda não aderiu nem deixou de aderir á Republica, sendo no entretanto um fiel cumpridor das leis do país, a que muito quer e por cujo engrandecimento está disposto a pugnar até morrer.

Para os devidos efeitos se arquivam as palavras do ex-cabo ás ordens do Conde de Agueda.

Cá por coisas...

A guerra

Uma das mais recentes previsões sobre a duração do conflito armado que se desencadeou na Europa, é aquela que foi comunicada ao 68.º regimento de infantaria, francês, por uma célebre pitonisa, que assim se exprimiu ao ser interrogada:

> A guerra acabará logo que céssem as hostilidades, facto que se manifestará pela interrupção dos combates em todas as linhas de batalha.
>
> Quarenta e oito horas antes da guerra acabar não se estará ainda em paz, mas isso durará apenas dois dias. Notem bem isto que eu digo — insistiu a *bruxa* — dois dias haverá ainda de luta, quando só faltem 48 horas para se fazer a paz.
>
> Após o fim da guerra decorrerão alguns anos antes da morte de um notavel homem politico, cujo nome começa por uma letra, que facilmente póde ser encontrada no alfabêto.
>
> Em contrario ao que erradamente se tem dito, os soldados não continuarão nas trincheiras depois de ter sido assinada a paz.
>
> O infeliz *poilu* que seja o ultimo a caír morto, lamenta-lo-á toda a sua vida.
>
> Finalmente cada dia que vai passando é um dia a menos de guerra.
>
> Para a assinatura da paz serão convidadas pessoas que, pelo menos, saibam escrever o seu nome, á excepção do sr. Comissario de policia de Aveiro...

E mais não disse a *bruxa* que desta vez sempre é capaz de acertar.

No tribunal

Depõe como testemunha o sr. dr. Joaquim Peixinho, cuja eloquencia lhe sáe em catadupas pelos labios, pelas mãos e não se sabe se tambem pelos pés... Trata-se dum caso sério. Discute-se a honra duma senhora casada, que o dr. defende, considerando-a intangivel.

— Não ter essa senhora um marido, um marido que em vez da penna empunhasse um cajado para castigar os seus detractores!

O publico está perplexo. O dr. Peixinho é um ornamento e fala-lhe ao coração. Disserta, disserta, disserta e eis se não quando, para dar por terminada a sua dissertação, conclue:

— Está aqui dentro desta casa, vejo aqui muito perto, neste tribunal, gente de brio, que sería capaz de um desforço condigno se...

Olhámos em redor. E porque notassemos que o dr. Peixinho fixava o advogado do réu, o seu colléga Jaime Silva; e simultaneamente o *Flautas*, que estava por traz dele, não quizémos ouvir mais.

Vamos que o *gerico* arrebitava a orelha esquerda?!... Onde iria parar o *Flautas*, antes de o matar?...

Outro

Anuncia-se para bréve a aparição de outro jornal monarquico em que pontificará o sr. Aires de Ornélas acolitado por Anibal Soares e José de Sucêna.

Ao menos palavriado teem eles...

Câmara de Espinho

Por irregularidades julgadas nos tribunaes competentes foi esta dissolvida e fixado no *Diário do Govêrno* o dia 10 do corrente para se proceder á eleição dos novos vereadores que lhe hãode suceder.

Espera-se que a luta seja renhida entre democraticos e evolucionistas.

Cartas intimas

—(*)—

Querida E.

Escrevo-te na minha salinha de costura, cuja temperatura uma leve aragem do norte amenisa um pouco. Tenho a janela do fundo aberta de par em par e é por ali que vem esse beneficio.

E' meia noite, ou como se diz agora—zero de horas—e contudo, minha querida E., asfixia-se de calor.

Apezar do duplicado numero dos meus *banhos rosados*, como tu os crismaste, e da constante pulverisação com os pós de arroz, a transpiração inunda-me incessantemente, provocando até uma certa excitação nervosa, que me irrita e indispõe.

Não ha memoria duma tão demorada quadra de elevadissima temperatura como a que atravessâmos. Creio que ante-ontem o termometro oscilou entre 36 a 40 graus á sombra! A' sombra—repara bem! E' pavoroso!

O primo D., que está em Evora onde o convite para uma caçada o levou, escreve e diz: *já tomei todas as providencias para no caso de liquidificação completa, ser aproveitado o derretimento e depois de devidamente filtrado, distribuido pelos meus, para que de mim ao menos fiquem com uma... liquida lembrança! Contudo bem sei que, nem com assucar, muitos dos contemplados serão capazes de me... beberem! E todavia deverei ser uma... pinga de truz.*

Vê lá tu do que se havia de lembrar aquele diabrete que está sempre com a caninha na agua...

Vejo que a trovoada foi violenta e que as tias se mantiveram *na razão inversa do quadrado das distancias*, acendendo vélas com *um heroismo e decidida coragem*, digna de melhor causa! Por aqui não nos atingiu ela e foi uma verdadeira surpreza a tua referencia ao facto, que as gazetas locais pormenorisam com palavras mais negras do que as tuas.

O papá quasi completamente bom, mas á referencia feita sobre a nossa saída observou que *não o forçassem a uma imediata viagem, salvo se nós colocassemos, superior á sua saude, os nossos divertimentos*. Foi um adiamento imposto, que só em ocasião propicia virá á discussão.

Sei que em Espinho e na Figueira a concorrencia é avultadissima. A E. escreveu-me e diz que as noites se passam deliciosamente, tendo todos os Casinos novos sextetos que são um encanto da harmonia. A hora do banho concorridissima, *havendo largo pasto para as linguas maldizentes e campo fertilissimo para curiosas investigações e... descobertas...*

Lamentando na hora presente a imobilidade domestica, acato, sem observações, a vontade do meu querido papá e esperarei sem impaciencia que ele dê... o sinal de partida.

Posto isto, vâmos a contas com a ilustre e fogosa advogada, defensora do sexo... bruto—salvo seja —chamando-a á realidade das cousas e demonstrando que não sou exclusiva e acintosamente inimiga do referido sexo que ao nosso, num requinte de inexcedivel e cinica delicadeza, chamou — *belo!* Esse *belo* que ele preverte, infama, martirisa e... cospe!

Persuades-te então que a responsabilidade de todas essas paginas desmoralisadoras e vergonhosas, a lanço exclusivamente sobre o arcaboço do protogonista másculo?

Evidentemente, não!

E regista até onde vai a minha lealdade. Vejo no *Porvir*, de 29 de julho findo, jornal que se publica em Beja, uma local que diz: *É extraordinario o numero de raptos que se tem dado nesta cidade, durante o mez corrente. E o mais extraordinario do caso é que as raparigas é que raptam os rapazes, fugindo para eles!*

Dir-se-á que as meninas casadoiras receiam que os homens morram todos na guerra.

Aí tens invertida a ordem natural das cousas, e a tua clientela feminina a dar uma prova desgraçadissima da sua orientação e do respeito que aos seus proprios olhos deveria merecer! Mas apezar das aparencias, permite que te diga que ainda no caso presente a grande, a maior responsabilidade é do homem—do homem que se pavoneia da superioridade absoluta da sua intelectualidade, da sua supremacia indiscutivel sobre o sexo feminino. Ele proporciona, propõe, áge e partilha na pratica dos actos mais indecorosos e publicamente vergonhosos, iludindo, seduzindo e muitas vezes violentando a mulher, que considera e tem como mais fraca e menos resistente, tripudiando, ainda por cima, do que reputa uma façanha quando não é mais que uma covardia!

Quem duvida, minha amiga, do heroismo, da grandeza inegualavel da alma da mulher? Quem póde ofuscar o brilho do punhal com que Carlota Corday, vinga a morte do seu escolhido, marquez de Luso? Mas tambem quem não condenará a intervenção de Magdalena, matando a rude grandeza do amor de Leonor, sua irmã, que Pinheiro Chagas tão elevadamente descreve nas belas paginas das—*Tristezas á beira mar*? E para *pendant*—minha boa amiga—não esqueçâmos Armando na sua elevação espiritual por a pecadora Margarida Gautier, que, maculando a carne, era todavia sublime na cultura do seu amor pelo homem a quem ela sacrifica tudo—sentimento, liberdade, vida!

E como epilogo, espontaneamente te lembro a morte sublime de Gwinplaine, pondo o pé no abismo e sumindo-se com os olhos fitos na estrela onde ele via o espirito puro e santo da sua céguinha, da sua Deia!!!

Mas são tão resumidos, tão notavelmente escassos os casos desta natureza, mesmo na fantazia dos seus creadores, que devemos estar—pelo menos eu—sempre dispostas a precaver-nos contra o mal, dignificando-nos no aprumo que merecemos aos olhos de nós outras, para que não envergonhemos o sexo, para que se eleve e coloque a mulher no pedestal onde ha muito ela deveria estar. Quer isto dizer que as condenâmos, que as afrontâmos? Que só tornâmos responsaveis os homens pela consumação de actos que maculam os dois—homem e mulher?

Não, minha rica e ingenua amiga, não. Pelo menos a responsabilidade de tais actos é dos dois—egualmente dividida—metade para o que enganou e a outra para quem não teve pejo de se deixar enganar!!!

Não é verdade? Aí tens um exemplo, que aceito, no que me dizes a respeito da situação do *Falma!* Ele, *ingenuo, candido, inocente*—a deixar-se ir—como picarescamente dizes, no embrulho das saias de determinada *filha de Maria*. Contudo a responsabilidade é dos dois, mas a dêle com umas pitadinhas a mais, visto que, como homem *superior* á mulher e como **padre** e inimigo da lei de Separa**ção**... Compreendes claramente o resto.

Estou anciosa porque venha o primo. O dr. delegado ausentou-se já com 30 dias de licença, presumindo que vai veranear para uma praia das proximidades de Aveiro.

Beijos da mamã com respeitos do papá que ainda está a lêr na sala de meza, onde ficou depois do chá, e infindos carinhos da

Tua do coração

N...s, 2—8—1916.

L. T.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Missão portuguêsa

—=(*)=—

Chegaram na segunda-feira de Paris e Londres, por Espanha, os srs. drs. Afonso Costa e Augusto Soares, respectivamente ministros das Finanças e dos Estrangeiros, que, como é sabido, foram tratar junto das nações aliadas de assuntos que directamente se prendem com a situação creada na velha Europa pela terrivel guerra que, fez no dia primeiro dois anos, nela se desencadeou e perdura ainda sem se poder calcular, apezar da enorme carnificina e prejuizos correspondentes, quando acabará.

Diz-se que o sr. dr. Afonso Costa negociou em Inglaterra um emprestimo de 150 mil contos e bem assim que entre este país, a França e Portugal se estabeleceu um pacto de alta importancia com a garantia de melhores dias apenas cêssem as hostilidades.

Por enquanto não são conhecidos em toda a sua nudez os preliminares da viagem dos dois ministros, que todavía se preparam para, dentro em bréve, darem conta á nação, por intermedio dos seus representantes no Congresso, cuja convocação extraordinária vai ser feita para segunda-feira, do que lá fóra estiveram tratando, durante quasi dois mezes, de util para as prosperidades dela e defêsa de todos nós.

Os ministros foram recebidos em Lisboa no meio de ruidosas aclamações, abraçando-os com enternecimento o insigne patriota, chefe do governo, sr. dr. Antonio José de Almeida, presente na *gare* do Rocio á hora da chegada.

Audiencias gerais

Após tres dias de violenta e acerba discussão da causa em que figuravam como autor, o sr. Manuel dos Santos Silvestre Junior, e como réu o sr. José Martins Alberto, ambos de Nariz, terminou, finalmente, na terça-feira o julgamento pela absolvição deste, que era acusado de, num jornal aveirense, haver caluniado e injuriado o sr. Manuel Silvestre em artigo que contra ele escreveu.

Enveredou o juri desta vez por caminho diferente do que tem seguido noutros julgamentos perfeitamente identicos, o que aos olhos de muitos e a nós proprios trouxe o convencimento, agora absoluto, de que só para o *Democrata* se adopta um critério especial, o que aliás não admira desde que se conheçam os processos postos em prática pelos *honrados* figurões de que nos temos ocupado.

Mas a sociedade está assim constituida...

* * *

No proximo dia 10, caso não seja adiado, deve ter principio o julgamento dos supostos implicados no crime de S. Bernardo, que consistiu duma morte produzida por pancadas ao findar o arraial que ali costuma fazer-se todos os anos para festejar o orago do logar, e dos quaes são patronos tres ou quatro advogados de Aveiro e um de fóra.

Espera-se que leve mais de cinco dias esta audiencia, pelas muitas testemunhas que ha para depôr e incidentes que fatalmente hãode surgir durante o apuramento de responsabilidades.

O CALOR

Tem sido duma intensidade verdadeiramente tropical o calor nos ultimos dias. Pessoas que teem vivido na Africa e no Brazil dizem-nos que se póde egualar ao dessas longiquas paragens pois, pelas suas observações, já tivéram ocasião de vêr o termometro marcar, á sombra, 35 gráus!

Poucas vezes em Aveiro isto terá sucedido. Todavia constata-se como um facto a registar no boletim meteorologico para que dele se não perca a memoria.

"A Revolta,,

—=(*)=—

Chega-nos ás mãos um numero deste bem redigido colêga de Coimbra em que pela penna do nosso antigo camarada do extinto semanário *Noticias de Vila Real*, Fernando de Araujo, ora estudante da Universidade, vem firmado um veemente artigo de protesto contra o que se passa a dentro desse estabelecimento de ensino, e especialmente contra a perseguição feita a uma senhora que os lentes ha pouco reprovaram no quarto ano de direito apezar de ser uma distinta aluna, bem classificada e possuidora de finissimos dotes de espirito e inteligencia.

Trata-se da sr.ª D. Aurora de Castro e Gouveia, tambem escritora distintissima, casada com o quintanista da mesma faculdade, Jaime Gouveia, cuja vida é descrita por Fernando de Araujo da seguinte fórma:

. . . .

Vai ha quatro anos. Na primeira aula a que assisti nessa Universidade deparei com o velho e querido amigo Jaime Gouveia, então padre em Terras da Beira, e que conheci em Vila Real por ocasião duma fatalidade que arrebatára um dos seus irmãos. Já então eu descobrira nesse homem uma extraordinaria força de vontade, uma grande concentração de espirito, e uma poderosa inteligencia que em bréve me denunciaram existir ali uma vitima de caprichos familiares e um condenado á grilheta do Vaticano. Foi a primeira vez na minha vida que exultei com o encontro dum padre. O meu coração parecia adivinhar nesse homem um espirito em rebeldia que bréve se faria cidadão. Na mesma aula, numa das bancadas da frente estava uma senhora, tambem minha condiscipula, e cuja alma diamantina e heroica, vos mostrarei em bréve, explendendo rara beleza e altivez. Conheceram-se, amaram se e casaram. Eis aqui um acontecimento admiravel que o proprio Deus abençoaria. Do que foi de sublime essa batalha contra o preconceito, batalha épica, depreende o todo o homem que conheça a pedra do sepulcro que ha numa sotaina. Como sempre, houve quem não aprovasse esse acontecimento comovedor. Maldito seja o jesuita!

Para aqui a vossa atenção, liberais, que se não trata dum singelo caso de estudantes, mas duma patifaria de bandidos! Ponde aqui os vossos olhos, republicanos! Ouvi:

No dia do casamento desse grande cidadão e aluno mais distinto desta Universidade, classificado com *Muito Bom* em todos os seus actos, e que será indubitavelmente um dos grandes deste país, nesse dia—notai-o bem!—apareceu á porta-ferrea, com o consentimento e riso dos lentes, **um enorme cartaz convidando o publico a fazer uma pateada aos noivos e a proibir-lhes a entrada na Universidade!**...

Fazendo frente a essa enxurrada vim eu a publico em manifesto, assinado por mim e pelo dr. Costa Cabral.

A perseguição jesuitica começou nessa hora.

O ano passado apareceu em todas as paredes de Coimbra, um enorme distico, a tinta vermelha, contendo insultos de latrina e presidio, proprios de jesuitas, contra essa senhora! A hora de mais torpe vingança havia de chegar. O jesuita não perdôa! O ano passado (ainda era vivo o nosso saudoso professor dr. Marnoco e Souza) a ilustre senhora alcançou a elevada classificação de *bom*.

Mas... este ano... A ocasião era propicia. Na *União Sagrada* quem havia de vir a publico tratar de tão pequenos crimes?!

Pulhas! Esta senhora não faltou a uma aula—a uma só i—desde o principio do ano. O seu exame foi de fronte alevantada, sem empenhocas como todas as pessoas que teem um pouco de dignidade. Depois, ninguem se convence que o seu marido, um dos alunos que hoje poderá bater-se, sem receio, com todos os professores da Universidade, não conhecesse a preparação de sua esposa, que é tambem uma senhora muito inteligente e uma escritora muito distinta. Mas os cafres, foram galegos! No meio do exame, um exame para passar sem favor, como o pódem comprovar várias testemunhas, segredavam coisinhas e sorriam patifarias, biltres de azinhavre, para... irritar!...

Em conclusão: a sr.ª D. Aurora de Castro e Gouveia saíu reprovada e como consequencia dessa torpe vingança de jesuitas surgem conflitos, que podiam muito bem ser evitados se duma vez para sempre terminassem as contemplações e á Universidade se lhe désse outra qualidade de gente capaz de impôr respeito e, pelo seu caracter e educação, distribuir justiça indistintamente como é das bôas regras que se faça no atual regimen.

Fernando de Araujo, que é um intemerato paladino de todas as revindicações sociais, verbéra com extraordinaria veemencia o procedimento havido para com a esposa de Jaime Gouveia e diz nesse artigo da *Revolta* que intitulou de—*Um perigo nacional*—verdades que lêmos com a maior satisfação pela maneira altiva e desassombrada com que se acham escritas, só proprias dum nobre caracter, isento de preconceitos, duma grande alma e dum coração diamantino. Vai-lhe sofrer as consequencias, talvez. Ele mesmo já conta com isso. Mas sendo, como é, dotado duma rija tempera, de nada temerá, porque nunca temeram os que, acostumados ao trabalho, escudam nele a sua independencia, arredando-se da escoria de parasitas que só vivem do servilismo quando não dos mais baixos expedientes.

A' *Revolta*, os protestos da nossa solidariedade transmitida num abraço ao companheiro que tanto se tem distinguido na imprensa provinciana pela firmêsa das suas convicções, amor á verdade e observancia dos principios que devem ser apanágio duma sã democracia.

INFANTERIA 24

A' hora de circular este jornal deve estar já nesta cidade, vindo de Tancos em comboio especial, o regimento de infanteria 24, que, sob o comando do coronel sr. Cristiano Braziel, fez parte da divisão que ali esteve acampada, para exercicios, durante umas poucas de semanas.

Cavalaria 8 vem tambem a caminho, mas pela via ordinaria. Tendo iniciado o trajecto por Abrantes, Tomar, etc., é provavel que só aqui esteja na terça-feira á tarde, segundo as informações que colhemos.

Antecipando-lhe as nossas bôas vindas, nelas envolvemos os que neste momento recolhem após o dever cumprido.

PELA IMPRENSA

"A Águia,,

Não desmerece dos anteriores o n.º 55 desta revista mensal que, sob a direcção dos srs. Teixeira de Pascoaes e Antonio Carneiro, se publica no Porto, rivalisando, em colaboração, com as suas congeneres enviadas ao *Democrata*.

O sumário é o seguinte:

Literatura—Á França—*Teixeira de Pascoaes*. Humorismo melancolico—*Gomes Leal*. Terras do Sul, II)—*Vila Moura*. Canto do Outono—*Mateus de Albuquerque*. Um problema literário—*José Teixeira Rego*. O gigante desperta—*Carlos Maul*. Ambiciosa—*João Luso*. Portugal e a guerra—*Luís da Câmara Reis*. **Arte**—Chegada de Vasco da Gama á India. (Ilustr.)—*J. Vitorino Ribeiro*. Estudo. (Ilustr.)—*António Carneiro*. Trechos da Ribeira (Porto), (Ilustr.)—*J. Monteiro*.

Censura postal

Começaram no dia primeiro a ser rigorosamente observadas as disposições do ultimo decreto ácêrca da censura na correspondencia postal, sendo por isso de toda a conveniencia que haja o maior cuidado na transmissão de noticias que possam incorrer na sua alçada.

Da China

—=(*)=—

Afectuosa homenagem de despedida ao sr. Barjona de Freitas

Shanghai, 7 de junho

Uma grande parte da colonia portuguêsa de Shanghai, querendo testemunhar ao sr. Gastão Barjona de Freitas o seu alto apreço pelas qualidades nobilissimas de caracter e dotes inconfundiveis de espirito de s. ex.ª, quer como funcionario da Republica, cumpridor austéro dos seus deveres e justo em todos os actos inerentes á sua elevada posição oficial, quer como cidadão de comprovadas aptidões e alto critério, reuniu-se aqui no dia 28 de maio findo, no jardim do sr. Chu, para lhe oferecer uma linda cigarreira de ouro, com os nomes dos oferentes nela gravada, como tributo legitimo de muito respeito e sincera amizade. A *Orquestra do Astor House Hotel*, executando trechos vários e escolhidos do seu selecto reportorio, ali foi, completa, abrilhantar a simpatica festa sob a gerencia do sr. Inokay.

A ceremonia da entrega do *souvenir*, que foi seguida de chá, cuidadosamente servido pelo *Shepherd's Café*, e abrilhantada com a presença de madame Batalha de Freitas, digna esposa do nosso ilustre ministro em Portugal, terminou no meio do maior entusiasmo, tendo-se todos retirado muito bem impressionados pela fórma requintada como foram recebidos e pelo serviço decorativo do jardim, iniciativa do cidadão Thucydides Rangel, antigo director do semanario *A Rotunda*.

Em gozo de seis mêses de licença graciosa, s. ex.ª o sr. Barjona de Freitas, acompanhado do vice-consul sr. Manuel Carlos de Figueiredo, seguiu viagem para Portugal no paquete japonez *Kamo Maru* da companhia Nippon Yusen Kaisha, em 4 do corrente, e ao bota-fóra, que foi imponente, compareceram muitos amigos, entre os quais várias figuras de destaque na politica internacional.

Conduzido a bordo cêrca das 11 horas da manhã, numa lancha especial artisticamente embandeirada, s. ex.ª viu bem quanto era apreciado pela colonia portuguêsa de Shanghai, que ali fôra desejar-lhe *bon voyage* e breve regresso.

Durante o trajecto, pelo rio fóra, um grupo de musicos da *Banda Municipal*, atroando os ares com peças escolhidas, soube imprimir á manifestação uma fáse original, que muito contribuiu para que o entusiasmo que de todos se apoderou, atingisse o ultimo grau de intensidade.

Seriam 12 horas quando o paquete levantou ancora.

Pouco antes, ao som timbrado da musica, tendo os muitos amigos do sr. Barjona de Freitas recolhido ao pequeno batel, que os havia levado a bordo do *Kamo Maru*, ouviu-se levantar uma voz unisona, ritmica e potente, que dizia:

Viva a Republica!

Viva o sr. Barjona de Freitas!

D.

Notas mundanas

De passagem para a sua casa de Salreu, tivemos a grata satisfação de abraçar nesta cidade, o nosso presado amigo sr. dr. Alberto Ferreira Vidal, ex-governador civil deste distrito e distinto professor do Liceu Passos Manuel, de Lisboa.

✤ *Passa ámanhã o aniversário do estimado capitão nautico ilhavense, ausente no Amazonas, sr. Antonio da Rocha Agra, a quem felicitâmos.*

✤ *Afim de ser tratado no Instituto Pasteur por ter sido mordido por um cão suposto hidrofobo, encontra-se em Lisboa o sr. Joaquim Simões Birrento, activo negociante da Costa do Valado.*

✤ *Recebeu o nome de José Eduardo, o filhinho do digno secretário da administração do concelho de Oliveira de Azemeis, sr. Miguel Castro, cujo nascimento se registou ha dias.*

✤ *Deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. Alfredo Osorio, conceituado farmaceutico local.*

Os nossos parabens.

✤ *Acha-se quasi restabelecido o sr. Julio Diniz.*

✤ *Para a sua magnifica vivenda da Costa Nova, partiu já o velho habitué daquela aprazivel praia, sr. Augusto Guimarães.*

✤ *Tambem ali se encontram a banhos desde o principio da semana, a sr.ª D. Maria de Almeida e o sr. Bento dos Santos.*

✤ *Algum tanto encomodada de saude, chegou de Loanda, para tratamento, a sr.ª D. Maria das Dôres Freire, esposa do sr. José Moreira Freire e irmã do nosso conterraneo Francisco Vieira da Costa. Acha-se ainda em Lisboa, hospedada em casa de seu cunhado, sr. David Bernardo, digno chefe da estação de Alcantara Terra, afim de consultar a medicina, depois do que regressará a Aveiro.*

Apresentâmos-lhe os nossos cumprimentos, fazendo votos pelo seu pronto restabelecimento.

✤ *Recebemos a visita do sr. João Carlos Moreira da Silva, velho amigo desta casa, com o que sempre nos congratulâmos.*

✤ *Por ter sido admitido na Escola da Guerra, mediante a apresentação dos documentos exigidos, fixou residencia em Lisboa o sr. Alfredo de Brito, a quem desejâmos as maiores felicidades.*

✤ *Com destino ao Congo, onde foi colocado como juiz da comarca, embarcou no sábado em Lisboa o nosso velho amigo dr. Amorim de Lemos, que no ultramar se tem evidenciado um funcionario de justiça dos mais distintos e austeros.*

Feliz viagem.

✤ *Regressou ontem de Bouça-Cova o sr. Antonio Felizardo, sua esposa e filhos.*

As reinspecções

Terminaram já em Coimbra aquelas a que foram submetidos os individuos do concelho de Aveiro por virtude das reclamações a que deu logar a isenção de alguns deles pela junta que aqui funcionou, tendo sido dada, ao que nos consta, condigna satisfação a quantos se achavam alarmados com as desigualdades cometidas na escolha dos servidores da Patria na conjuntura atual.

Folgâmos que assim tivesse acontecido porque, tendo sido nós quem primeiro se insurgiu contra a fórma como a junta de Aveiro se estava desempenhando da sua delicada missão no momento em que o país a todos impõe pesados sacrificios a que, por sua honra, nenhum cidadão — nenhum! —tem direito de se eximir, vêmos que superiormente se atendeu ás justas reclamações de que nos fizemos éco no intuito apenas de contribuir para uma obra que se nos afigura grandiosa se todos compreenderem que acima das conveniencias pessoais se acha a dignidade dum país com tradições que assombram o mundo inteiro, impondo-o á consideração e ao respeito dos povos cultos. Não é só falar na historia de Portugal. Não é só render homenagens aos nossos navegadores, aos nossos descobridores, aos nossos guerreiros. Entendemos que isso é pouco, além de ser uma área já muito estafada. Cumpre-nos mais alguma coisa. Pelo menos torna-se necessario que ao invocar o passado demonstrêmos que dêle não existe só a lembrança e que a raça portuguêsa não é uma raça degenerada. *Um por todos e todos por um*, sem excepções, sem subterfugios. Ou assim, ou a desordem, a anarquia, o cáos. No ultimo caso, Portugal estatelar-se-á, afundando-se no lodaçal da ignominia.

ESCOLA SECUNDARIA DE COMERCIO

Concluiram com brilhante resultado os exames oficiais dos alunos desta escola, que dia a dia vem afirmando os seus creditos de estabelecimento de ensino, e de que é director o nosso amigo e colaborador sr. Humberto Beça.

Este instituto que é o unico que tem submetido os seus alunos a exames oficiais, tem obtido de ano para ano mais elevadas classificações e só nos referiremos aos exames oficiais porque só estes pódem merecer a absoluta confiança de todos.

Os exames particulares, como usam faze-los varias escolas, são, como não pódem deixar de ser complacentes, brandos, generosos.

De facto, se um aluno distinto num exame oficial fôr interrogado numa parte mais fraca dos seus conhecimentos e andar mal, ficará reprovado, e tantas vezes tem sucedido, pois nada ha mais contingente do que um exame. Num exame particular esse aluno ficaria aprovado, porque o seu professor, conhecendo os seus pontos fortes, mudar-lhe-á logo o curso do exame.

Num exame particular quem terá a coragem de reprovar um aluno cábula, que teve a sorte de dizer duas coisas acertadas por méro acaso? Nos oficiais far-se-ia ao aluno que não se mostrasse seguro, um exame de exploração e o aluno que não podia satisfazer, ficaria reprovado.

Se apenas faltar um exame para conclusão do curso, qual será o juri particular que o reprove mesmo que o seu exame seja fraco?

O aluno passará. Ficará sem saber nada, mas passará. Num exame oficial isto não póde haver tais contemplações: o aluno passa se sabe. E de resto, se no exame particular o reprovassem, o aluno poderia responder á reprovação com uma gargalhada, e não era para ele o desaire...

O aluno, portanto, em tais condições tem sempre de passar, quer saiba muito, quer saiba pouco. Depois entre o diploma de um curso oficial, com todo o seu valor legal e moral e o de um curso particular sem outro valor que não seja o da exibição mais ou menos artistica do nome da escola em caixilho bonito, não ha paralélo possivel.

Dos resultados dos exames na Escola Secundaria de Comercio basta o seguinte quadro:

	Exames	Reprovados
1915	24	1
1916	34	3
Total	58	4
Percentagem		6 7/8

As classificações foram:

1915	alunos com 10 val.	4
	» » 14 »	7
1916	alunos com 10 val.	3
	» » 14 »	6
	» » 15 »	3
	» » 16 »	3

Em arimética comercial foram:

1915	alunos com 10 val.	1
	» » 14 »	4
1916	alunos com 10-11-12 e 13 valores	0
	alunos com 14 val.	3
	» distintos (15 e 16 valores)	5

Quer dizer: em arimética comercial, a mais importante disciplina do curso, **nenhum aluno teve média inferior a 14 valores** e de oito alunos submetidos a exame a **maioria ficou distinta** em exames oficiais.

A Escola Secundaria de Comercio não precisa outro elogio, e ao seu director e professor de arimética e comercio enviâmos os nossos parabens.

Comunicados

...sr. director do
Democrata

Peço a V. o obsequio de dar publicidade no jornal que dirige, ao seguinte:

O *Correio de Vagos*, no seu ultimo numero, diz constar-lhe que no dia 25 do mez passado acabei de realisar o pagamento do resto da importancia de milho apreendido a Francisco da Pinheira, negociante, da Ponte de Vagos.

Sendo falso o que o miseravel afirma, tão sómente direi que, nesse dia, Francisco da Pinheira me passou um documento importantissimo que pôz mais uma vez em fóco a perversidade da creatura que quiz matar com dinamite o meu primo dr. Carlos Alberto e familia.

Poderia publicar já esse documento e outros que possuo; por eles se ficaria avaliando a infamia da campanha que contra mim o bandido vem movendo. Mas sendo, como é, de grande importancia, só convém a sua publicação em momento oportuno.

Agradecendo, sou

De V.
com consideração

Vagos, 1916.

Vasco Rocha

PORTUGAL E INGLATERRA

A *Capital*, jornal da noite, publicou na segunda-feira uma entrevista que o seu correspondente teve em Londres com o sub-secretario do ministerio dos negocios estrangeiros, *sir* Mauricio de Bruzen, que termina assim:

— A viagem dos ministros portugueses a Inglaterra—diz-nos *sir* Mauricio—foi de uma grande utilidade para a solução dos problemas pendentes entre os dois paises. O dr. Augusto Soares é uma bela inteligencia, e quanto ao dr. Afonso Costa a sua obra é entre nós muito conhecida e ele é sem contestação uma das primeiras figuras da politica mundial. Vieram os ministros portugueses a Londres para se definir a situação de Portugal beligerante na guerra em que estão empenhadas todas as nações aliadas, e, melhor do que eu, o dr. Afonso Costa lhe pode dar informações sobre este ponto; entretanto, creio que tudo está resolvido e de certo com plena satisfação dos proprios ministros portugueses.

— Em sua opinião qual deve ser o papel de Portugal nesta guerra e qual a sua acção militar imediata?

— Isso pertence mais propriamente aos militares do que a mim, mas julgo que vão ser nomeadas comissões militares de um e outro país para estabelecerem tudo quanto diga respeito á cooperação militar de Portugal. Tambem a questão dos navios alemães que Portugal requisitou foi causa da vinda dos ministros a Londres. A Inglaterra necessitava de alguns desses navios, não todos, apenas aqueles que Portugal pudesse dispensar e devo confessar que houve muito boa vontade da parte do governo portuguĉs em aceder aos nossos desejos e apenas se levantaram algumas duvidas sobre o *modus faciendi*, mas que tiveram imediata solução com regosijo de ambas as partes. Nós julgávamos melhor, mais rapido e mais comodo o comprarmos os navios a Portugal e assim se evitava a questão da bandeira e das tripulações; o dr. Afonso Costa, porêm, opôz-se tenazmente á venda, alegando razões de pêso e creio que a Inglaterra aceita por completo o ponto de vista dos ministros portuguêses. Emfim, todas as questões pendentes teem sido resolvidas com a maxima facilidade, pois de parte a parte todos estão animados dos mais ardentes desejos de só encontrar soluções amistosas. Posso garantir-lhe que nunca em época alguma da Historia as relações entre os dois países foram tão intimas e tão amigaveis. A Inglaterra confia abertamente na sua velha aliada e Portugal póde ter a certêsa da mais completa, leal e sincera amizade da Inglaterra. Nesta guerra os dois países estão intimamente unidos. A' Inglaterra não poderia, nem poderá nunca, ser indiferente qualquer acto de hostilidade ou beligerancia praticado contra Portugal por quem quer que seja. E assim em todas as circunstancias Portugal póde ter a certêsa de encontrar sempre a seu lado a Inglaterra e em quaisquer condições.

Esta entrevista —deve-se acrescentar porque é importante—foi préviamente revista e confirmada pelo respectivo ministro que assim lhe imprime um duplo valor muito para estimar.

INFANTICIDIO

A policia averiguou que a mãe da creança aparecida nas proximidades do canal de S. Roque, já morta e roída pelos vermes, se chama Arminda Ferreira, casada, da Gafanha da Nazaret, mas com o marido ausente na America do Norte vai para cinco anos.

Enviada ao tribunal assim como uma irmã que se supõe seja cumplice do crime.

Comissão Venatória

Estão eleitos para o triénio de 1916 a 1919 os seguintes cidadãos: Mario Duarte, Carlos Mendonça e Silva, Antonio da Rosa Martins Junior, Luiz Antonio da Fonseca e Silva, Octavio Duarte de Pinho, Mariano Ludgero Maria da Silva e José Camilo Albano.

De Ovar

Recebemos nova carta:

... sr. *Redactor*

Continua aqui a dominar a reacção e a conspirar-se pelo beaterio fingido. Venha V. até aqui; venha vêr com os seus proprios olhos, como aqui domina o falido partido progressista do mando do Conde de Agueda e do seu famigerado logar tenente, dr. Soares Pinto.

Depois da condenação do guarda livros da Companhia de Eletricidade, facto que narrei a V. na minha ultima correspondencia, foi absolvido um taberneiro creso de tamancos, que insultou o sr. escrivão de fazenda e todos os empregados, dentro da mesma repartição.

Não calcula V. a imoralidade que por aqui vai. Palavrões proprios de alcouce é o que se ouve a cada canto durante o dia, por essas ruas; quem tem creanças tem de as ter o mais recatadas possivel para elas não aprenderem palavras só proprias de prostitutas. E' um desafôro que só presenceado; em compensação as senhoras beatas, como não ha em outra qualquer terra deste pobre Portugal, lá vão para as igrejas papar missas, rezar as contas e murmurar da vida alheia. A imprensa daqui quer viver de bem com Deus e com o Diabo.

Com muita consideração, creia-me

De V. etc.,

Constante leitor

E é isto, invariavelmente isto por toda a parte. Só queixas, só lamentações, quando não gritos de protesto erguidos contra o que este regimen consente e a imprensa toléra porque... quer viver de bem com Deus e com o Diabo...

O que se passa em Ovar não constitue nenhuma excepção. E' antes o reflêxo do que vem acontecendo noutras partes onde as autoridades só pensam em receber o ordenado ao fim dos mezes sem querer saber do resto. Terá olhado por ventura o nosso correspondente para o que vai cá pela capital do distrito? Pois se tem hade convir que por muito que em Ovar se tenha descido, mercê das complacencias politicas, das faltas de critério dos dirigentes e competencia das autoridades, ainda não chegou, talvez, a rastejar por Aveiro, apezar do que nos diz e que nenhuma razão temos para deixar de acreditarmos.

Olhe, amigo: isto tudo está de tal ordem que ou ha energía, ás carradas, para opôr aos desvarios de quem por eles tenha de responder ou estâmos irremediavelmente perdidos.

Das duas uma e não ha fugir-lhe.

De interesse publico

Para cumprimento dos decretos n.os 2:488 e 2:515, são os produtores e os possuidores ou detentores de trigo, centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro e cortiça, obrigados a declarar as quantidades produzidas no corrente ano e as atualmente existentes devendo enviar ou entregar nas regedorias ou administrações de concelho ou bairro, até ao dia 30 de Agosto as respectivas declarações.

Nas administrações de concelho são fornecidos aos interessados, impressos para as suas declarações, podendo porêm os mesmos escrevê-las em papel comum e de formato não inferior a um quarto de folha almaço, escritas em letra bem legivel, nos termos dos editais afixados em todos os logares publicos.

Considera-se produtor sómente aquele que houver colhido o produto, embora não seja o proprietario da terra de onde o colheu e que cultivou; possuidor aquele a quem ele pertence; detentor o seu depositario. Pódem ser possuidores o produtor, o comerciante, o industrial e qualquer outro declarante não pertencente a nenhuma das categorias ou qualidades.

Consideram-se existentes as quantidades em deposito e em transito a receber.

Cada declaração só poderá dizer respeito ao genero ou generos que o produtor houver colhido e que o possuidor ou detentor tiver em existencia em uma freguezia; quer dizer: se o produtor tiver colhido os referidos produtos em mais de uma freguezía fará tantas declarações quantas as freguezias em que eles tiverem sido produzidos. Do mesmo modo, o possuidor ou detentor deverá fazer tantas declarações quantas as freguezias em que tiver os generos depositados.

Os declarantes são sempre responsaveis pelos actos dos seus representantes.

A inobservancia das disposições do decreto citado, por parte dos produtores, possuidores e detentores é punida de conformidade com os artigos 50.º e 56.º do decreto n.º 2:253, de 4 de Março ultimo.

Hotel Aveirense

Tendo sido neste hotel, recentemente montado num vasto edificio do alto da Avenida Bento de Moura, que o sr. Ministro da Marinha se hospedou nos dias que aqui esteve de visita, devemos constatar que conseguiu a sua arrojada proprietaria manter não só o credito de que gosa a sua casa, como ainda amplia-lo pela maneira como fez conduzir os serviços extraordinarios, para que nada faltasse e desta terra por isso não fosse s. ex.ª portador ou os que da comitiva faziam parte, da mais leve impressão desagradavel.

Folgâmos que assim tivesse acontecido.

EPISODIOS RELIGIOSOS

Na semana passada começámos a levantar uma das pontas do véu que cobre o grande segredo.

Vâmos a recordar.

Num dia de festa—e que dia escolheram!—nevrotica discussão ecoou pelos corredores de serviço das labirinticas sacristias.

Tambem para lá entrei como qualquer cristão. Pouco familiarisado com tantas escadas, tantas salas, tantos recantos, até *W. C.* lancei-me ao acaso por aí dentro num vivo interesse de ouvir, de presencear se possivel fosse, pois da parte da manhã um enfraquecimento de vozes lá no côro pôz bem em relevo que qualquer coisa de anormal acontecera. Mas aonde? Na rua para que o publico visse e se julgasse anos passados na Praça do Peixe assistindo ás constantes discussões entre as regateiras e os que, descendo das serras, nos trazem os seus produtos para em troca levarem pescado?

A' noite, ao chá, para que os papás e as *habituées* Miss Mesclas apartassem, comentando com favores para a da casa? Não. Foi mesmo na igreja, logar sagrado destinado á oração, a meditações, a mil rezas com o fim de purificar. Não se respeitou o local. Porque? O director espiritual, que pelo menos todas as sextas-feiras lança a absolvição ás *filhas de Maria*, costuma ser procurado, chamado por cartas e ás vezes por proprios, com urgencia, para dar o seu conselho, para pensar por aquela cabeça que, embrutecida pelas rezas, sem procurar uma explicação, é incompetente para um simples raciocinio. Deus manda, Deus quer—explica tudo. Estes cerebros atrofiados precisam realmente de estarem sempre acompanhados de um, capaz de pensar e resolver pelo melhor as questões da vida com que deparâmos todos os dias. Se são apanhados de surpreza, isto é, sem o seu Adamastorsito, que bem me está saindo outro Salomãosinho? Resolvem-se então a pensar.

Pensam, fazem considerandos, raciocinam e resolvem tudo por caminho errado. Assim aconteceu. O director não estava presente por motivo que só ele sabe e aquelas cabecitas resolveram, argumentando: ora se todo o embroglio foi arranjado aqui na igreja, porque se não ha-de deslindar aqui mesmo? A igreja não é logar proprio para divertimentos, para amores, para rixas, para deslumbramentos. Não é lá tambem que verdadeiros manequins devem fazer exposição de *toilettes*...

Quim & Necas

Propaganda de Portugal

Por instancias da Sociedade Propaganda de Portugal, o Ministério do Fomento aprovou a construcção do colector de Vila Nova de Portimão, na parte em que ele tinha de passar por terrenos do Estado. As obras de construcção do mesmo colector, a realizar nos terrenos do municipio, encontram-se já concluidas. Pelo esforço que está empregando, no sentido de fazer de Vila Nova de Portimão uma das mais modernas vilas de Portugal, a Câmara desse concelho merece os maiores elogios.

A mesma Câmara tambem pediu a cessão, por parte do Estado, dos terrenos situados, em Portimão, entre o dique regulador ali existente e a estrada da Praia da Rocha. O plano das obras a realizar nesses terrenos está já aprovado.

* * *

Em circular dirigida ás suas delegações, a Sociedade recomendou-lhes com insistencia que constituissem comissões de estética, as quaes terão por fim intervir com o seu voto consultivo em todas as obras locaes e promover melhoramentos que contribuam o mais possivel para desenvolver o turismo nas regiões em que elas exerçam a sua influencia. Essas comissões, das quaes devem fazer parte medicos, arquitectos, engenheiros, etc., procederão sempre de harmonia com as câmaras municipaes, para que as suas iniciativas não se percam e delas resultem os maiores proveitos colectivos e os maiores beneficios para o turismo, que é, de todos os meios de propaganda conhecidos, senão o melhor, pelo menos dos mais eficazes. A Propaganda tambem oficiou ás câmaras municipaes participando-lhes a proxima constituição das aludidas comissões de estética e pedindo-lhes que sempre que se trate de levar a cabo obras e melhoramentos regionaes ou locaes de certa importancia, as vereações consultem as mesmas, para que, com essas obras, nem a arte, nem a tradição, nem a linha geral das povoações ou das localidades possam sofrer modificações ou influencias que as amesquinhem. Algumas delegações da Propaganda possuem já as suas comissões de estética, cuja influencia e cuja acção teem dado os melhores resultados e acarretado os mais proficuos beneficios para a estética e para o turismo.

* * *

Os jornaes de Manáus e Amazonas, chegados pelo ultimo paquete, referem-se elogiosamente á propaganda em favor de Portugal que nessa cidade está realizando o sr. José Simões Coelho, agente comercial do Govêrno na America do Sul. Em Manáus o sr. Simões Coelho efectuou uma conferencia, que teve publico numeroso e escolhido, sobre as belezas do nosso país, cujo mal maior é de não ser conhecido. Ao mesmo tempo, no *Jornal do Comercio*, dessa cidade, o delegado do govêrno português faz inserir uma longa entrevista, na qual, exaltando o clima delicioso do porto de Lisboa, dizia que o Portugal economico de hoje é diferentissimo do que era ha pouco e afirmava que a maravilhosa transformação porque está passando o nosso país se deve principalmente ao caracter nacional, que não muda, muito embora mudem os tempos. O *Tempo*, da cidade de Amazonas, deu, por sua vez, publicidade a uma serie de artigos do sr. Simões Coelho, nos quaes, muito principalmente, se faz do Estoril, como estação de vilegiatura e de prazer cosmopolita, o mais caloroso, justo e rasgado elogio. O Estoril, segundo o sr. Simões Coelho, poderá competir vantajosamente, pelo que respeita a clima, encantos naturaes, situação, elementos de turismo e de cura, quando as obras projectadas estiverem concluidas, com as primeiras estações de verão e de inverno de todo o mundo.

NECROLOGIA

Faleceu nesta cidade a sr.ª D. Guilhermina Couceiro Santa Clara, esposa e sogra dos srs. Frederico Santa Clara, capitão-picador, e Raul de Matos, aluno da Universidade.

— Na Oliveirinha sucumbiu aos estragos duma lesão cardiaca, de que sofria ha anos, o sr. Elias Marques Mostardinha, homem de muita respeitabilidade em toda a freguezia onde era assaz estimado.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

ANUNCIOS